

## A LINGUAGEM E SUA PRÁXIS: A ANÁLISE DO DISCURSO E OS JOGOS DE LINGUAGEM DE WITTGENSTEIN

Sophia Sartini Fernandes de Oliveira<sup>i</sup>

**Resumo:** Entende-se a linguagem como um aspecto crucial da construção do saber e da própria sociedade. Tendo em vista seus aspectos peculiares e relevantes, faz-se necessário um estudo do discurso e de sua práxis no âmbito das relações humanas. Diante disso, surge a Análise do Discurso como uma proposta metodológica que permite uma melhor compreensão dos fenômenos sociais e históricos da discursividade dos sujeitos. No Brasil, a Análise do Discurso tem entre seus representantes a linguista Orlandi. Em um contexto filosófico analítico, Wittgenstein, em sua proposta de estudo da práxis da linguagem, permite uma localização da Análise do Discurso dentre os possíveis jogos de linguagem. Este trabalho propõe uma reflexão sobre o contexto situacional da Análise do Discurso nos jogos de linguagem.

**Palavras-chave:** Orlandi. Wittgenstein. Análise do Discurso. Jogos de Linguagem.

**Abstract:** Language is understood as a crucial aspect for the building of knowledge and of society itself. Considering its relevant and peculiar aspects, a study of discourse and its praxis is necessary in the field of human relations. Thus, discourse analysis emerges as a methodological proposition that enables a better understanding of the social and historical phenomena of subject discursivity. In Brazil, discourse analysis has among its representatives the linguist Orlandi. In the analytical philosophical context, Wittgenstein, with his proposition of the study of language praxis, allows the location of discourse analysis among the possible language games. This paper proposes a reflection on the situational context of discourse analysis as part of the language games.

**Keywords:** Orlandi. Wittgenstein. Discourse Analysis. Language Games.

---

<sup>i</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Brasil.  
E-mail: sophiasartini@terra.com.br.

## Introdução

A linguagem pode ser considerada como a protagonista principal no palco da vida humana. Embora seja um construto social humano, a linguagem exerce sua influência e é influenciada pelo seu próprio criador e, por conseguinte, os desdobramentos dessa relação homem/linguagem permitiram o surgimento de todo o conhecimento, como a Filosofia, por exemplo, com suas implicações nas ciências humanas, nas ciências exatas e da natureza.

A práxis da linguagem na concretude da vida é permeada por mais perspectivas sobre o sujeito do que apenas o “sujeito ideológico marxista-althusseriano” e o “sujeito do inconsciente freudo-laciano” que são categorizados e estudados a partir da Análise do Discurso. Não obstante, a Análise do Discurso contribui com o estudo das ciências da linguagem ao perceber o sujeito e sua formação discursiva como importantes elementos para o entendimento da tríade sujeito/linguagem/sociedade sob uma ótica histórico-político-social, que permeia a discursividade.

A reflexão aqui proposta é uma possível análise de alguns aspectos da Análise do Discurso, mais especificamente em Orlandi, a partir das reflexões wittgensteinianas, tomando estas como um conjunto analítico-filosófico que abarca a primeira como um subconjunto dentre vários outros. Assim, a análise de alguns pontos fundamentais no discurso de Orlandi torna possível refletir sobre o quanto este discurso faz parte de um jogo de linguagem na perspectiva de Wittgenstein.

## Análise do Discurso em Orlandi e os Jogos de Linguagem wittgensteinianos

*Um dia juntei todas as palavras  
que já aprendera e  
busquei para elas novos sentidos,  
novas maneiras de soar e de voar  
até ao coração dos homens.  
Censuraram-me por tê-lo feito  
e houve até quem me dissesse:  
"As palavras são o que são  
e procurar para elas novos significados  
é pura perda de tempo e ofensa aos deuses."  
Eu não lhes dei ouvidos  
e continuei a escrever, aprendendo  
o sabor de casar a palavra "água"  
com a palavra "vento" e a palavra "  
"corpo" com a palavra"terra"*

e a palavra "homem" com a palavra "sonho"  
e a palavra "natureza" com a palavra "vida".  
Foi assim, um pouco sem o querer,  
um pouco sem o esperar, que usei  
pela primeira vez a palavra "poesia",  
que viaja comigo, companheira eterna,  
para todos os lugares onde vou,  
desde a memória do homem  
até aos últimos esconderijos da noite,  
até ao fundo da claridade dos dias<sup>1</sup>

Pode-se dizer que a sociedade humana é formada por uma rica e intrincada rede de fenômenos micro e macrosociais, que se inter-relacionam e se influenciam, resultando, dessa forma, nas complexas ações sociais. Esta dinâmica entre o micro e o macrosocial determina, por meio dos vários contextos sociais em que o homem atua, o lugar que ocupa no espaço-tempo finito de sua vida. Essa reflexão é enfatizada por Alvim (1969, p. 16):

A sociedade é um todo, formado de partes - os indivíduos, os grupos familiares, sociais, econômicos, profissionais, políticos, etc., verdadeiras células sociais. Cada célula tem sua vida própria, autônoma. Constitui um todo componente de um todo maior. Assim como estas células sociais existem, as *Instituições*, igualmente, existem e são verdadeiras realidades sociais.

Como, então, compreender corretamente a relação humana com a linguagem? Seria possível para o indivíduo, isolado do convívio social na mais tenra idade, desenvolver a linguagem?

É relevante destacar as contribuições que os estudos de Orlandi e Wittgenstein trazem sobre a linguagem. Observa-se que, embora estas duas correntes do pensamento sobre linguagem possuam peculiaridades, ambas apresentam reflexões de certo modo convergentes que destacam a linguagem e sua práxis como produto histórico-social, ainda que, sob uma perspectiva wittgensteiniana, a Análise do Discurso possa ser considerada uma dentre as inúmeras possibilidades de jogos de linguagem.

A linguagem, segundo Orlandi (2009), é referida como um trabalho e, sendo assim, é um construto, uma obra inserida em uma sociedade mutável e consoante com sua própria história. Na linguagem não predomina o inatismo

---

<sup>1</sup> Esse poema intitulado "No voo de uma palavra" é um dos vários poemas de José Jorge Letria que, além de poeta, é jornalista e escritor. Esse artista nasceu em Portugal, na cidade de Cascais, em 1951. Um outro belo poema de sua autoria é "Imagina!" cujo fragmento foi selecionado para a revista *Ciência hoje das Crianças*, ano 24, n.º 225, julho de 2011. A maior parte de sua obra é destinada às crianças.

ou o arbitrário, mas a “interação entre homem e realidade natural e social, logo, mediação necessária, produção social” (Ibid., p. 25).

Segundo Orlandi (2009), a significação do discurso está diretamente relacionada às posições sociais dos sujeitos que se comunicam. Portanto, compreender os papéis sociais dos sujeitos é indispensável para o estudo da linguagem:

[...] os processos que entram em jogo na constituição da linguagem são processos histórico-sociais, e seria interessante acrescentar que, em se tratando de processos, não consideramos nem a sociedade como um dado nem a linguagem como um produto (Ibid., p. 25) (grifo meu).

Essas reflexões desenvolvidas por Orlandi nos remetem àquelas feitas pelo filósofo Ludwig Wittgenstein<sup>2</sup>, segundo as quais a linguagem é determinada por sua práxis estritamente social.

Segundo Wittgenstein (1975), a humanidade participa dos jogos de linguagem. Tal fato, segundo ele, é observado por meio dos diferentes significados das palavras conforme as situações vividas pela pessoa, e tais ações típicas pressupõem que a pessoa possui um conhecimento sobre as palavras, compreendendo, dessa forma, seus significados e o contexto em que deve aplicá-las. Esse uso pragmático das palavras evidencia o uso das regras da linguagem que permite ao indivíduo, ao mesmo tempo, ter capacidade e condição de cooperação e entendimento social (CAMUS et al, 2010). Wittgenstein (1975, p.16) define o termo “jogos de linguagem” da seguinte forma: “Chamarei também de ‘jogos de linguagem’ o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada”. Por conseguinte, Wittgenstein<sup>3</sup> (1975, p.22-23) enumera várias ações sociais permeadas pela linguagem, as quais fazem parte dos jogos de linguagem:

---

2 O pensamento de Ludwig Wittgenstein é representado por duas principais obras: o *Tractatus Logico-Philosophicus*, e as *Investigações Filosóficas*. Na obra *Tractatus*, segundo Blackburn (1997), Wittgenstein faz uma abordagem formal e estática da linguagem em relação ao mundo. Posteriormente, em sua obra *Investigações Filosóficas*, o filósofo faz uma abordagem da linguagem em relação às atividades sociais cotidianas. Estudos sobre a obra de Wittgenstein comumente consideram que seu pensamento se divide em dois momentos distintos, sendo o primeiro representado pelo *Tractatus Logico-Philosophicus*, e o segundo representado pelas *Investigações Filosóficas*. Nesse presente artigo, a perspectiva adotada é a da segunda obra, que aborda a práxis da linguagem.

3 Supõe-se que Wittgenstein, em suas *Investigações Filosóficas*, faz uma oposição à sua primeira obra *Tractatus Logicus-Philosophicus*. Nas *Investigações Filosóficas*, sua reflexão trata a linguagem lógica como uma linguagem artificial criada pelos lógicos que, apesar da formalidade, não

O termo “jogo de linguagem” deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida. Imagine a multiplicidade dos jogos de linguagem por meio destes exemplos e outros: Comandar, e agir segundo comandos – Descrever um jogo conforme a aparência ou conforme medidas – Produzir um objeto segundo uma descrição (desenho) – Relatar um acontecimento – Conjecturar sobre o acontecimento – Expor uma hipótese e prová-la – Apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas – Inventar uma história; ler – Representar teatro – Cantar uma cantiga de roda – Resolver enigmas – Fazer uma anedota; contar – Resolver um exemplo de cálculo aplicado – Traduzir de uma língua para outra – Pedir, agradecer, maldizer, saudar, orar.

O sentido e o significado das palavras, segundo Wittgenstein<sup>4</sup>, fazem parte da *práxis* social da linguagem em seu *lócus* social, e as mudanças que ocorrem na linguagem são um fenômeno dinâmico e mutável. Por exemplo, se palavras como “retreta”, “claudicar” e “parlapatão” caíram em desuso, hoje, palavras como “deletar”, “scanear” e “pen drive” compõem o nosso repertório vocabular do dia a dia. Sendo assim, pode-se dizer que essas mudanças na linguagem causam também mudanças nas formas de expressão, nas relações do homem com o mundo, na maneira como o homem vê e representa esse mundo, e em seus próprios costumes.

Observa-se, então, o surgimento de novos estilos discursivos que algumas vezes se opõem aos velhos estilos. Percebe-se que, na época pré-internet, na produção textual em cartas manuscritas em geral, era comum uma elaboração mais prolixa, uma descrição e uma narrativa que remetesse às imagens dos acontecimentos e à compreensão dos sentimentos, pois o tempo para o recebimento da carta resposta, dependendo do caso, poderia ser longo. A título de exemplificação, as históricas cartas de Vincent van Gogh ao seu estimado amigo Émile Bernard, na obra de Gogh-Bonger (2004, p. 260), ilustram a marca estilística reflexiva inconfundível de Vincent: “[...] estamos todos atualmente navegando em alto-mar dentro de miseráveis barquinhos, completamente solitários, enfrentando as grandes vagas de nosso tempo”.

---

consegue representar de forma verdadeira o mundo; sendo assim ela é uma linguagem esvaziada da representatividade do mundo real.

4 Grande parte dos exemplos das palavras ou frases e seu significado e sentido são dados por Wittgenstein como exemplos de tarefas do cotidiano. No § 21 do livro *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein aborda o sentido das frases informativas ou afirmativas “cinco lajotas” em relação às frases de comando ou imperativas “cinco lajotas!” entre um indivíduo B que informa a A o número de lajotas ou cubos. Para Wittgenstein, nesse jogo de linguagem, o pronunciar das palavras, o tom da voz, a expressão facial e muitos outros detalhes comunicativos, que envolvem A e B, podem diferenciar as duas frases.

Naquela época, reconhecia-se, então, a pessoa pelo estilo textual impresso na carta. Atualmente, com o advento da carta eletrônica (e-mail), o estilo pessoal de outrora cedeu lugar à uniformização de um estilo abreviado, rápido. Metaforicamente, Wittgenstein faz menção a essas mudanças que ocorrem na linguagem:

Nossa linguagem pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas; e isto tudo cercado por uma quantidade de novos subúrbios com ruas retas e regulares e casas uniformes (WITTGENSTEIN, 1975, p.21).

Orlandi (2009, p.27) aproxima-se das ideias de Wittgenstein quando aponta o elemento social como determinante para o sentido da palavra e do discurso na sociedade:

As palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva para outra. Assim, não são somente as intenções que determinam o dizer. Há uma articulação entre intenção e convenções sociais.

Orlandi (2009) destaca, ainda, que as palavras não têm existência própria; se as mesmas existem é porque são os homens que as criam, elaboram-nas e as empregam conforme suas condições de vida e suas relações de poder.

Por conseguinte, a noção do sujeito é um elemento crucial para a reflexão discursiva, uma vez que o *subjetivismo idealista* por si só não abarca de forma convincente a complexidade que se encerra em um discurso. Essa complexidade pode ser clarificada por meio da intertextualidade, em que a relação dialógica entre o implícito e o explícito, em um discurso, torna-se mais evidente. Orlandi (2009, p. 218), dessa maneira, considera que: “os processos discursivos não têm sua origem no sujeito, embora eles se realizem necessariamente nesse sujeito”. Percebe-se, então, que esse sujeito não cria sozinho a linguagem, nomeando ou designando palavras que façam sentido somente para ele, como um eremita da sua própria linguagem em seu monólogo enclausurante. Um exemplo que elucida tal fato é o personagem Humpty Dumpty na obra *Alice*, de Lewis Carrol:

“Quando eu uso uma palavra”, disse Humpty Dumpty num tom bastante desdenhoso, “ela significa exatamente o que quero que signifique: nem mais nem menos.”

“A questão é”, disse Alice, “se pode fazer as palavras significarem tantas coisas diferentes.”

“A questão”, disse Humpty Dumpty, “é saber quem vai mandar – só isto” (CARROL, 2009, p.245).

Transpondo-se tal ideia, então, da literatura *nonsense* para o mundo real, é pertinente lembrar que “a vida imita a arte”. Esta afirmação está exemplificada no fato histórico conhecido como Guerra da Lagosta<sup>5</sup>, que gerou um grande mal-estar diplomático entre o Brasil e a França, em meados de 1962. Tal incidente foi decorrente da intenção dos franceses (assim como a pretensão de Humpty Dumpty de impor significados arbitrários às palavras) de exploração da Plataforma Continental Brasileira, utilizando como justificativa a ressignificação da palavra peixe.

Incidentes diplomáticos à parte, supõe-se que no seu dia a dia o sujeito participa de um colóquio/monólogo com os demais sujeitos, sejam eles interlocutores diretos, como, por exemplo, em uma conversa despreziosa em um botequim, ou com interlocutores indiretos como, por exemplo, os personagens de um filme, ou livro. Tal fato é possível, pois os sujeitos produzem seus discursos e esses são produzidos em condições de produção histórico-sociais, o que resulta na própria condição de inserção desses indivíduos nos jogos de linguagem. Logo, a linguagem é construída pela sociedade e decerto a sociedade é construída pela linguagem.

A abordagem do *subjetivismo idealista*, feita por Orlandi, encontra um paralelo nas reflexões de Wittgenstein sobre a linguagem privada, para o qual o repertório de palavras com seus significados e sentidos em uma frase depende exclusivamente do seu uso pelo grupo e não é determinada por um único indivíduo. Essa reflexão pode ser exemplificada da seguinte maneira: posso, hipoteticamente, criar uma nova língua, como o filólogo britânico J. R. R. Tolkien fez em sua obra *O Senhor dos Anéis* (TOLKIEN, 2001). No entanto, os nomes, as designações dos objetos e tudo aquilo que compõem essa língua farão parte de uma linguagem privada; logo, no meu dia a dia não poderei me comunicar e me fazer entender por meio dessa nova linguagem (a menos que

---

<sup>5</sup>Segundo Braga (2009), o governo francês afirmou, em 1962, que a lagosta era um peixe. Tal afirmação tinha como intuito a pesca da lagosta (um crustáceo) que é um recurso natural da Plataforma Continental Brasileira. Sendo assim, esse recurso natural não poderia ser explorado por outros países, segundo a Convenção de Genebra assinada em 1958. Conforme essa Convenção, a pesca internacional é permitida em alto-mar, e se a lagosta fosse um peixe, então não seria considerada um recurso natural da Plataforma Continental Brasileira e, portanto, a pesca francesa seria permitida. Como resposta aos franceses, o comandante Paulo de Castro Moreira da Silva, oceanógrafo, defendeu o Brasil proferindo as seguintes palavras: “Ora, estamos diante de uma argumentação interessante: por analogia, se a lagosta é um peixe porque se desloca dando saltos, então o canguru é uma ave”.



alguém se disponha a estudar essa nova língua para conversar comigo!). Nas palavras de Wittgenstein (1975, p.32), tem-se a seguinte observação: “Pode-se, para uma *grande* classe de casos de utilização da palavra ‘significação’ – se não para todos os casos de sua utilização -, explicá-la assim: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem”.

Wittgenstein, portanto, admira-se com o fato de a nossa linguagem, embora com todas as suas limitações, ser a nossa principal ferramenta para o estudo da própria linguagem (a metalinguagem):

Quando falo da linguagem (palavra, frase, etc.) devo falar a linguagem do cotidiano. Seria essa linguagem talvez muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer? *E como se forma então uma outra?* – E como é espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa! (WITTGENSTEIN, 1975, p.59).

A proposta da reflexão discursiva como elemento fundamental em um discurso, enfatizada por Orlandi, apresenta pontos de convergência nas reflexões de Wittgenstein, que explicitam a necessidade de ver além do que a própria linguagem mostra, sendo necessária, então, sua análise:

[...] Pois se em nossa investigação, tentamos compreender também a essência da linguagem – sua *função*, sua estrutura -, não é porém a isso que visa esta questão. Pois não vê na essência algo que já é evidente e que se torna claro por meio de uma ordenação. Mas algo que se encontra *abaixo* da superfície. Algo que se encontra no interior, que vemos quando desvendemos a coisa e que uma *análise* deve evidenciar (WITTGENSTEIN, 1975, p.54) (grifo meu).

A abordagem crítica sobre o *objetivismo abstrato* (“que advoga a onipotência do sistema, o da autonomia da língua”) feita por Orlandi (2009, p.12) também encontra um paralelo nas reflexões de Wittgenstein (1975, p.145) acerca da gramática e sua finalidade:

A gramática não diz como a linguagem deve ser construída para realizar sua finalidade, para ter tal ou tal efeito sobre os homens. Ela apenas descreve, mas de nenhum modo explica o uso dos signos.

Esse uso dos signos ocorre na práxis da linguagem cotidiana, e tal fato é que dá o caráter de mutabilidade da linguagem. O conceito de ironia, por exemplo, somente é apreendido, de fato, através do exercício da linguagem e da identificação de todos os elementos que irão pontuar e caracterizar a ironia, tais como, o tom de voz, a expressão facial, e etc.; a “leitura entre linhas”, ou seja, do que está implícito, será possível a partir da imersão do sujeito nos jogos de linguagem, na *práxis* da linguagem. Existem, porém, casos



em que o sujeito é naturalmente excluído dos jogos de linguagem que remetem à ironia, como, por exemplo, os sujeitos portadores da Síndrome de Asperger, a qual foi muito bem caracterizada na emocionante, irônica e reflexiva obra fílmica “Mary and Max”<sup>6</sup> (2009), do diretor Adam Elliot.

Tratando-se, ainda, do *objetivismo abstrato*, verifica-se que as transformações da linguagem e da língua, ao longo do tempo, não corroboram os pressupostos do *objetivismo abstrato*. Wittgenstein (1975, p.22), mais uma vez, reforça essa ideia de transformação da linguagem:

Quantas espécies de frases existem? Afirmação, pergunta e comando, talvez? – Há inúmeras de tais espécies: inúmeras espécies diferentes de emprego daquilo que chamamos de “signo”, “palavras”, “frases”. E essa pluralidade não é nada fixo, um dado para sempre; mas novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como poderíamos dizer, nascem e outros envelhecem e são esquecidos [...].

Para Orlandi (2009), a incompletude é o resultado do desejo (vontade) observado nas situações discursivas em que o não dito segue paralelamente àquilo que foi dito, de forma que o discurso possui um jogo próprio entre os interlocutores. Percebe-se, então, que, neste aspecto, Orlandi comunga com Wittgenstein ao destacar a presença dos jogos nas situações de linguagem e propora si mesma participar desse jogo:

Nas situações acadêmicas, tem-se parecido que o não dito, isto é, a margem do dizer que é constituída pela relação com o que foi dito, é que acaba sendo mais fecunda. Porque faz parte da incompletude e se faz desejo. Ainda em volta disso, eu diria que, mesmo na ciência, o prazer de dizer tudo não chega aos pés do desejo de compreender um pouco. *Jogo perigoso entre o dizer e o compreender. Mas que longe da exigência formal eu me dou o direito de jogar* (ORLANDI, 2009, p. 135) (grifos meus).

É pertinente destacar também as situações do nosso dia a dia em que a incompletude se impõe não por nossa vontade, mas pelas limitações da nossa própria linguagem<sup>7</sup>. Sendo assim, o não dito prevalece, pois o dito não entra

---

6 Essa obra fílmica mostra a mais inusitada situação: a amizade, ao acaso, entre duas pessoas completamente desconhecidas – isoladas por grandes distâncias geográficas e por uma grande diferença de idade – que se tornam conhecidas a partir da correspondência por cartas. Tais elementos dão um tempero todo especial à narrativa fílmica.

7 Supõe-se que Orlandi (2003, p.20) destaca um aspecto labiríntico da linguagem através das seguintes palavras: “Tem-se dito que somos pegos pela linguagem. Nesse sentido, somos interpretados mais do que interpretamos. Estamos de acordo com essa afirmação, com a condição de compreendermos que não somos pegos pela língua enquanto sistema formal, mas pelo discurso, pelo jogo da língua na história, pelos sentidos”. [grifo meu]

no discurso e o nosso interlocutor tenta adivinhar o que gostaríamos de ter dito naquele momento angustiante. Como definir, por exemplo, o gosto da fruta pequi? A princípio, pode-se lançar mão das palavras ácido e adstringente para definir o gosto da fruta. Mas, quanto à palavra adstringente, como defini-la? Um sabor similar ao da banana verde? Volta-se, no entanto, ao ponto inicial: se ácido e adstringente são sabores tão marcantes, como ou de que forma os dois são percebidos? Algumas pessoas, após saborearem a fruta, a definem como um gosto incomum. A palavra incomum define o gosto da fruta, assim como a palavra amarelo define a cor? Nota-se, que, neste caso, a linguagem conduz o interlocutor a um labirinto<sup>8</sup>, no qual não se encontra perspectiva de saída. Essa situação é exemplificada por Wittgenstein (1975, p.164):

Descreva o aroma do café! – Por que não é possível? Faltam-nos as palavras? E para que nos faltam? – De onde vem o pensamento de que tal descrição, no entanto, deveria ser possível? Você teria alguma vez sentido a falta de tal descrição? Você já tentou descrever o aroma e não conseguiu?

A incompletude discursiva, em outras circunstâncias, impõe-se como um acordo, uma concórdia em um discurso. Neste caso, os interlocutores estarão em consonância em relação ao dito e ao não dito nesse discurso, pois há uma comunhão de ideias desses interlocutores em relação ao discurso. O nazismo que dominou a Alemanha na 2ª Guerra Mundial é um exemplo disso. A disseminação e a consolidação do pensamento antissemita, pelo povo alemão, foram possíveis graças aos discursos ideológicos das propagandas nazistas. Nesses discursos, os judeus foram despersonalizados e desumanizados sendo, então, levados à condição de pragas; os judeus, assim, foram vítimas de assassinatos e de outros crimes, haja vista a histórica “Solução Final” nazista. A linguagem<sup>9</sup>, assim construída e usada, pode ter relevantes repercussões históricas e sociais.

---

8 Nas palavras de Wittgenstein (1975, p. 92): “a linguagem é um labirinto de caminhos. Você entra por um lado e sabe onde está; você chega por outro lado ao mesmo lugar e não sabe mais onde está”.

9 Como adverte Fischer (2009, p. 245-246): Pode-se lembrar com horror da sanitização linguística. A *Endlösung* ou ‘Solução Final’ de Adolf Hitler encobria o assassinato em massa dos judeus europeus. Nos EUA, durante a Guerra do Vietnã, as expressões ‘levar alguém para fora’ e ‘higienizar’ substituíram ‘morte’ e ‘assassinato’. Mesmo no final do século vinte, após a Guerra Fria, o pentágono ainda chamava bombas de ‘dispositivos liberados verticalmente feitos para atingir pessoas’. Mortes humanas viram ‘contagens de corpos’. Muitos acreditam que a sanitização linguística é necessária, pois permite que o ser humano cometa atos

Logo, a partir das reflexões de Orlandi (2009), supõe-se que a construção do discurso da seriedade reflete-se para além do âmbito da academia. O discurso nazista e outros discursos, por exemplo, parecem mostrar um mecanismo próprio para a elaboração de um discurso da seriedade, o qual legitima a autoridade do enunciador anulando a voz dos discordantes. Observa-se que a intencionalidade desse discurso revela-se por meio daquilo que não foi dito e que permanecerá no silêncio infligido à voz do outro; nesse discurso, portanto, não cabem as discordâncias, mas apenas o consenso. Orlandi (2009, p.266) aponta que:

Esse é um dos vários modos de se exercer a vontade pessoal. Como o discurso da competência, o discurso da seriedade é uma fala de chefe, dita do lugar da autoridade, seja ela real ou presumida como tal.

A partir disso, pode-se destacar que esse discurso unilateral e não dialogal da seriedade, segundo as reflexões wittgensteinianas, faz com que os sujeitos (silenciados) criem seus próprios jogos de linguagem para sobreviverem ou burlarem as regras do discurso da seriedade.

Em seu dia a dia, os sujeitos desempenham o papel de leitores e interpretam a leitura dos textos discursivos conforme seu aparato linguístico: “para ressoar é preciso a forma material, a língua-e-a-história, o discurso” (Orlandi, 2003, p. 21). As bulas de remédios, os e-mails, os textos literários, técnicos ou filosóficos, as imagens fílmicas, os discursos políticos, acadêmicos e religiosos, o protocolo laboratorial, as sinopses dos filmes, os cartões de felicitações, a receita culinária, as cartas de amor e/ou de amizade, os noticiários, a poesia, a música etc. fazem parte do repertório de leitura dos sujeitos, e percebe-se que cada sujeito dará um tratamento peculiar, conforme sua vivência, ao tipo específico de texto que chegará às suas mãos: “algo no mundo tem de ressoar no ‘teatro da consciência’ do sujeito para que faça sentido” (ORLANDI, 2003, p.21). As reflexões de Wittgenstein sobre leitura e leitor acontecem no nível de vivência de leitura, ou seja, a familiaridade que o leitor tem com os signos que estão diante de seus olhos. As palavras impressas em um texto, nesse caso, lembram alguma coisa; por conseguinte, essas palavras são portadoras de um significado, “mas as palavras, quando lidas, como que deslizam para dentro de nós” (WITTGENSTEIN, 1975, p.77).

---

inumanos. Num fenômeno semelhante, os soldados reduzem o inimigo a um coletivo de não entidades para se convencerem de que suas vítimas em potencial são diferentes de seres humanos comuns e, portanto, assassinaíveis.

Observa-se que Orlandi (2003, p.23) cria um novo jogo de linguagem para a palavra leitor, quando a reescreve: “o leitor resiste”. Resiste a que? À leitura. O ato de ler pressupõe um sujeito que execute essa ação, o leitor. É possível haver leitor quando não há leitura? Há uma oposição entre o “leitor-ideal” e o leitor que resiste. O “leitor-ideal” é aquele que está imerso na leitura e em sua quantidade; em contrapartida o leitor “resistente” é aquele que não lê, mas aquele que está para além da leitura, do silêncio presente na leitura do “leitor-ideal”.

Como leitores da leitura de outros leitores, os sujeitos se deparam com as possíveis indagações: Existe um sentido único para a palavra leitor? Existem possíveis sentidos para a palavra leitor? Quem determina o sentido da palavra leitor? Toda e qualquer determinação para o sentido da palavra leitor seria portadora de ideologia? A posição (histórico-política e/ou ideológica) ocupada pelos sujeitos influencia no significado dessa palavra? Por quê? Quem terá a resposta para esta questão? ...

Verifica-se, desta forma, que a análise discursiva da linguagem é portadora de uma reflexividade que suplanta a possibilidade, *a priori*, de um paradoxo metalinguístico. Segundo Gill (2012, p.255): “Em outras palavras, a fala dos analistas de discurso não é menos construída, circunstanciada e orientada à ação que qualquer outra”.

Percebe-se, então, que a linguagem não é tão simples e óbvia – como enfatizado por Gill (2012, p.266): “Não há nada *simples* sobre linguagem!” – quanto pode supor a nossa “vã filosofia”<sup>10</sup>. Segundo Orlandi (2003, p.22):

Toda fala é uma simulação no sentido forte. Ao simular, perdemos o original e ao mesmo tempo o re-inscrevemos indefinidamente. Esta perda é ao mesmo tempo o espaço do possível: o dizer é sempre sujeito à interpretação. Mesmo porque o original é sempre e só efeito. Isto é história.

A partir dessa exposição dialógica, propõe-se que as ações comunicativas, em toda a sua miríade de formas, possuem aspectos peculiares que estão imanentemente ligados aos jogos de linguagem, e a Análise do Discurso pode ser considerada como uma parte desses jogos.

---

<sup>10</sup> Talvez caiba nessa reflexão uma máxima popular: “Num mesmo rio em que uma pessoa mata a sede, a outra se afoga.”

### Considerações finais

Diante da complexidade que envolve a linguagem e sua práxis nas mais diversas situações histórico-sociais, é possível concluir que a Análise do Discurso, na perspectiva de Orlandi, como uma metodologia para o estudo da discursividade humana, pode ser inserida no contexto dos jogos de linguagem propostos por Wittgenstein.

Observando-se esta vertente da Análise do Discurso em comparação com os jogos de linguagem wittgensteinianos, pode-se inferir que não é possível compreendê-la como axiomática, ou seja, como uma perspectiva irreduzível que dispensa quaisquer outras perspectivas de análise no campo da linguagem.

Portanto, é possível também afirmar que o estudo da linguagem, também na perspectiva wittgensteiniana, pode contribuir para uma melhor compreensão do sujeito/discurso estudado na Análise do Discurso.

### Referências

- ALVIM, D. F. **Sociologia**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.
- BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- BRAGA, C. C. As lagostas da discórdia. **Revista História.com.br**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/as-lagostas-da-discordia>>. Acesso em: 28 dez. 2013.
- CAMUS, S.; CHEDRU, M.; DURAND-GASSELIN, J.; GUEGUEN, H.; MUNOZ, E.;
- PORCHER, F.; WEBER, D. **100 obras-chave de Filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CARROL, L. **Alice: Aventuras de Alice no país das maravilhas & Através do espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. **Revista Letras**, Santa Maria, RS, n. 27, p. 39-46, 2003.
- FISCHER, S. R. **Uma breve história da linguagem**: introdução à origem das línguas. Osasco: Novo Século Editora, 2009.
- GILL, R. Análise de Discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Sophia Sartini Fernandes de. A linguagem e sua práxis: a Análise do Discurso e os jogos de linguagem de Wittgenstein. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 6, p. 200-213, jun.2014.

---

GOGH-BONGER, J. V. **Biografia de Vincent van Gogh por sua cunhada** – Seguido de Cartas de Théo a Vincent e de Cartas a Émile Bernard. Porto Alegre: L&PM, 2004.

HOUAISS, A. (Ed.). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**.Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JEAN, G. **A escrita**: memória dos homens. Rio de janeiro: Objetiva, 2002.

LETRIA, J. J. **No voo de uma palavra**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=18pFWqrtSSs>> Acesso em: 03 jan. 2014.

MARY and Max. Direção: Adam Elliot. Produção: Melanie Coombs. PlayArte Pictures; 2009.

ORLANDI, E. P. **A Leitura e os leitores**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

TOLKIEN, J. R. R. **O senhor dos anéis**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.